

A MAGIA DA IMAGEM

«A Magia da Imagem» é um texto de apoio à produção video *O Triângulo*, de Luís Filipe de Oliveira.

Procura-se chamar a atenção para uma didáctica que se apoia na exploração da imagem através do suporte video aqui veiculado por uma banda sonora especial. O futuro do ensino/aprendizagem orienta-se para novas técnicas em que os media A.V.S. em interacção se afirmam cada vez mais, como processos directos e activos na fixação da atenção, na abertura de campos de criatividade e na memorização das ideias.

I . OBJECTIVO

O trabalho experimental está feito: o Dr. Luís Filipe de Oliveira e o Duo Telectu, produziram e realizaram um video-clip, orientados por um projecto director de investigação do Projecto UNIVERSIDADE ABERTA, que tem por objectivo procurar, criar e desenvolver, vias de exploração didáctica veiculadas pelos suportes media AVS, utilizados isoladamente ou em inter-acção.

A índole cumulativa do aspecto científico e técnico assegura uma continuidade progressiva indiscutível que é observável no percurso já efectuado em vários trabalhos de investigação teórica e prática do Projecto U.A.

Como sabemos que o processo cultural é consubstancialmente cumulativo (ou pelo menos irreversível), temos consciência de que esta experiência constitui mais um avanço na direcção de objectivos definidos:

- a) o estabelecimento de uma metodologia tendo em vista a integração dos media como estratégia didáctica;
- b) a criação de modelos elaborados, produzidos e realizados por técnicos de ensino portugueses, isto é, modelos cuja base e desenvolvimento assentam na nossa cultura e são orientados por e para o comportamento do estudante português.

Temos consciência de que o indivíduo constitui uma unidade indissolúvel com o meio, pelo que mesmo a adaptação de materiais vindos de culturas estrangeiras não obtêm uma real identificação com o público-alvo de outra cultura. Por outro lado temos consciência de que o ser humano, integrado ele próprio num processo de desenvolvimento com um vector de aceleração crescente, torna urgente a reformulação constante de processos do ensino/aprendizagem.

A dimensão evolutiva da Pedagogia, em termos humanos e técnicos, tem operado uma revolução neste processo que exige uma actualização constante.

Procuramos portanto, utilizando os suportes adequados a cada matéria, encontrar entre os vários possíveis, o discurso didáctico que apresente o maior número de estímulos, isto é, apresente uma dimensão semiótica portadora duma grande legibilidade, evitando por isso (a baixa de rendimento «fall-effect» que invade os indivíduos quando submetidos por tempo excessivo à instrução programada).

Vamos apresentar um trabalho de investigação experimental que utiliza o suporte video/audio e faz a exploração da imagem abordando uma área de ensino respeitante à Geometria/Desenho/Arte. Parte do pressuposto de que as artes visuais abarcam toda a **forma de olhar** e de que a imagem, em termos de informação, contém em si própria a chave da descodificação da sua significação, através da pluralidade de sinais que produz.

Para atingir a significância do texto imagético é necessário fazer apelo a uma certa mística (para alguns por vezes inacessível) porque a polissemia do texto imagético se refugia em estruturas escondidas (não aparentes) que não são facilmente perceptíveis ou susceptíveis duma conceptualização.

A figura geométrica escolhida — o Triângulo — uma figura que gera um reconhecimento imediato (figura de pregnância) vai ser analisada através da exploração visual de vários planos retirados do triângulo clássico euclidiano observado agora numa perspectiva dinâmica. Deste modo pela (re)descoberta contínua das propostas contidas na figura geométrica, se abre uma via de exploração de grande potencialidade.

O Triângulo observado dinamicamente estabelece uma discurso dialéctico com a forma, criando relações intrínsecas e extrínsecas com ele próprio, com o espaço/plano em que se inscreve, com o tipo de inserção que realiza nesse espaço/plano, e com o observador.

É uma relação triádica entre o observador, a figura básica do triângulo e todas as múltiplas vias que se oferecem continuamente como elementos do jogo:

O ponto, a linha, a aresta, o ângulo, vão gerar campos de alternância reveladores de existências geométricas que operam no espaço «écran» sucessivas figuras derivadas/derivantes em alargamentos multi-direccionados que permitem leituras várias.

Este desdobramento da rede interna do triângulo baseado nos princípios de percepção, como de resto todo o trabalho de exploração proposto é pretendido ser, é feito a um ritmo sincrónico ao da descodificação da retina necessário para a saturação óptica humana.

Para funcionar com o efeito visual criado pelo Dr. Luís Filipe de Oliveira, o Duo Telectu seleccionou uma base sonora que constitui um discurso audio a interagir com a imagem.

A banda sonora do video-clip é uma produção deste conjunto (Duo Telectu) cujo som, baseado nas super-estruturas do Rock e do Jazz se desenvolve criativamente em música contemporânea improvisada. O som é organizado em sistemas repetitivos que, conjuntamente com um ritmo muito marcado opera em termos de reforço da atenção

transformando modalidades de visão/escuta. O valor encantatório do repetitivo cria um estado psicológico de angústia que se soma no correr do tempo, desencadeando um desejo obsediante, final, de silêncio.

Esta característica do som vai criar a situação desejada para a captação da atenção do observador em primeiro lugar, depois para a orientação dessa atenção para o plano visual, por adesão psicológica do observador à acção conjunta A.V., e finalmente, a partir de certo momento, o discurso sonoro passa, pela saturação da monotonia, a ter um efeito divergente, reforçando o sentido que mais importa privilegiar neste trabalho: a visão.

II . APARELHO TEORICO

Nas suas múltiplas manifestações, a Arte é admitida muitas vezes como resultante de um «estado de espírito» ou «estado de graça».

Esta perspectiva metafísica localiza-se na área psíquica do Homem e em termos criativos abstractos constitui-se como o produto de vários vectores sócio-culturais que, em conjunto com a entidade psico-física, formam a unidade idiossincrática do indivíduo.

A sensibilidade humana transcende a análise psico-física das relações puramente quantitativas entre os estímulos e as sensações.

Há problemas de índole qualitativa responsáveis pela subjectivação consciente que reflecte o mundo objectal em fenómenos psíquicos, isto é, que faz com que o indivíduo se aproprie da realidade exterior, a interprete e a transforme em experiência pessoal subjectiva.

É possível esquematizar um quadro que, grosso modo, assinala o percurso hierarquizado do sistema intelectual humano, tendo em conta a estrutura funcional do sistema nervoso.

Transparente I — Estrutura funcional do Sistema Nervoso

A	Aferência	- entrada ou recepção de estímulos
B	Integração	- elaboração central das aferências em diferentes níveis de complexidade
C	Eferência	- Início das pulsões de saída

Os estímulos que desencadeiam a actividade de integração B, são formas de energia que incidem sobre os receptores (neste caso a retina e o tímpano), a funcionar como analisadores*.

* O esquema que se segue não é uma tentativa para investigar o campo da Psicologia.

Chegamos deste modo à conclusão de que é o estímulo sensorial que procede de fora e de dentro do organismo, levado a um nível de subjectivação consciente, que constitui a via de acesso para o trabalho do Dr. Luís Filipe de Oliveira.

A relação intencional consciente com o mundo objectal realiza-se através da percepção que capta de diversas maneiras a realidade exterior. Estas maneiras são as percepções, as modalidades sensíveis em virtude da qual os estímulos exteriores nos aparecem configurados como mundo.

Daí que a percepção da realidade seja variável de indivíduo para indivíduo, uma vez que a unidade idiossincrática e até os órgãos psicológicos que intervêm no processamento não são iguais em cada ser humano. Cada um de nós define o seu sistema de classificação em termos dos próprios condicionamentos. A realidade é portanto uma opção determinada, construída pelo Homem: «o poeta e o jornalista actuam no mesmo campo. Ambos tentam construir uma realidade, em lugar de tentar descobri-la». (Archibald Mac Leish, *The Poet and the Press Atlantic Monthly*, n.º 203, 1959).

De facto, a opção é parte de qualquer observação e a Ciência não supõe que as observações possam ser completamente objectivas (é a razão porque precisamos de metodologia para fazer observações científicas).

A aceitação deste facto deixa-nos uma faixa livre no mecanismo — A — aferência que é alimentado pela percepção do mundo real:

Faixa constituída pela apreciação inconscientemente auto-personalizada que cada indivíduo recolhe do mundo objectal.

Por outro lado, o texto imagético é, em primeiro lugar, uma força estética que assalta o observador, mesmo se prevenido; é portador de um fluxo vital que a cosmologia universal reconhece de origem **primordial**. Em segundo lugar, o texto imagético é lugar da dupla elaboração em relação ao real (que se esforça por reproduzir ou, pelo contrário, de que procura afastar-se) constituindo-se como outro ponto de referência.

Tudo isto o texto imagético oferece, através das inumeráveis remotivações recolhidas dos sistemas significantes que ele — texto imagético põe em jogo.

«(...) Cada acção ou objecto físico é reconhecido por comparação com uma impressão existente ou classificado como «novo» e situado numa classificação existente, (ainda que geral) (...)».

(...) Estas classificações são transassociativas (...) Geoge Frank, *modelos de Pensamento*, editorial Vozes Petrópolis, 1973, pág. 47.

Assim, neste exercício didáctico partiu-se dos mecanismos perceptivos, dando a importância devida ao associacionismo e também à natureza do próprio estímulo, num trabalho que utiliza os suportes Audio-Video.

O Triângulo

A análise da figura clássica do triângulo cuja definição se aceita como «figura geométrica de três lados e três ângulos» poderá levar a conclusões simplistas que iriam empobrecer a riqueza de conteúdo implícita na figura.

O triângulo é também uma forma cabalística cujo valor significativo vem de muito longe, na Antiguidade. O prefixo tri- determina-lhe o número dos ângulos, um número ímpar que vem transformar o par em $2 + 1$ com todas as implicações que a mitologia procura explicar.

No mundo real temos a geometria euclidiana (séc. III) que é simples, directa, clara e precisa, enquanto a geometria não euclidiana transgride toda essa inocência introduzindo vectores inesperados que podem comunicar outros mensagens.

O Dr. Luís Filipe de Oliveira elaborou este trabalho partindo duma perspectiva de inovação/libertação.

Inovação, porque avança com o apoio das técnicas A.V. numa proposta didáctica diferente. Libertação, porque escolhe o caminho da descoberta individual, explicando, sugerindo, mostrando e demonstrando o que pode «existir» para além do aparente.

Para ele o triângulo (con)tém um mundo de informação e propõe uma exploração visual entre as relações de posição interna e externa de figura, transcendendo assim o rigor e a rigidez clássica, visto que considera existir latentemente nesta figura, para além da aparência habitual, múltiplas vias significantes que outro tipo de percepção pode recolher.

Os olhos do observador abarcam a realidade fornecida claramente pela intercepção dos três planos, mas o cérebro regista simultaneamente a outra realidade veiculada pelos estímulos evidenciados no fluir do filme como intervenção didáctica, exploratória das potencialidades escondidas ou não aparentes postas em evidência neste exercício.

Muitos pintores antigos cuja universalidade é reconhecida hoje, se aperceberam do valor significativo e polissémico do pictograma, introduzindo-o deliberadamente na imagem, utilizando-o com a segurança e a confiança que só um sentido premonitório poderá explicar.

Recordemos Giotto (1266-1337) pintor do séc. XII/XIV, que integra pela primeira vez volumes expressos a três dimensões numa arquitectura espacial coerente, conseguindo assim animar as suas personagens, através duma descrição dramática poderosa, de um sentido narrativo e realístico inesperado.

Giotto aplicou, já naquele tempo, uma lógica nova na lei da perspectiva, criando uma rede lúdica que veio prolongar virtualmente o espaço real onde estão inscritas as figuras. Temos de admitir que a pintura de Giotto é elaborada, partindo de pressupostos que aceitam o risco da pulsão comunicativa a partir da introdução de novos dados (com todo o mundo de consequentes interpretantes).

A percepção da realidade de Giotto considerou a possibilidade de criar estímulos que passavam despercebidos a outros. Ele liberta-se duma realidade paradigmática, considerada até aí modelo, para usar da sua própria subjectividade e por isso propõe uma nova relação intencional de consciência com o mundo exterior.

Para Giotto a figura vale pela sua definição geométrica clássica, mas ele foi capaz de considerar a introdução de pictogramas nos vários sistemas estabilizados de sentido que o texto imagético consente, fazendo assim nascer o Metagrafismo encarregado não de transmitir a forma do real, mas de explicitar os sinais incluídos com essa intenção, na imagem.

A «Doxa» do mundo imagético de então foi sacudida e um passo importante foi dado.

Foi este o caminho seguido neste exercício: partir da ideia de que todo o processo de subjectivação que ultrapassa a realidade constituída, leva a uma experiência mental frutuosa que conduz à chamada Consciência Complexa do Homem e que, deste facto se podem, e devem, tirar lições para a Pedagogia■

* JULIETA NASCIMENTO PIEDADE

Responsável pelo Grupo AUDIO DO CETED — Projecto Universidade Aberta.